

“Que turista é você?”: as visões da nação e da identidade brasileiras em Canto IX: caderno de turismo e Canto XVI: Yamami, de Marcelino Freire

Mariana Waskow Radünz*

Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, Brasil

Alfeu Sparemberger**

Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, Brasil

Recebido em: 29/04/2019

Aceito em: 06/06/2019

Resumo: Este artigo, considerando as discussões acerca dos conceitos de nação, identidade e cultura, analisa os contos *Canto IX: caderno de turismo* e *Canto XVI: Yamami*, do livro *Contos Negreiros* (2005), de Marcelino Freire. A análise, além de considerar aspectos literários, discute a ideia de turismo e, a partir disso, os conceitos de nação e de identidade. Toma como aporte teórico textos de Renan (1882), Bhabha (1998), Hugo Achugar (2006) e Hutcheon (1991). A temática do turismo é trabalhada de modo distinto nos dois contos e apresenta sujeitos de realidades diferentes, reveladoras de visões plurais da nação e da identidade brasileiras.

Palavras-chave: Contos Negreiros. Marcelino Freire. Nação brasileira. Identidade brasileira.

Abstract: This article, considering the discussions about the concepts of nation, identity and culture, analyses the short stories *Canto IX: caderno de turismo* and *Canto XVI: Yamami*, from the book *Contos Negreiros* (2005) by Marcelino Freire. The analysis, besides considering literary aspects, discusses the idea of tourism and, from this, the concepts of nation and identity. It takes as theoretical contribution texts of Renan (1882), Bhabha (1998), Hugo Achugar (2006) and Hutcheon (1991). The theme of tourism is worked differently in both short stories and presents subjects from different realities, revealing plural views of the Brazilian nation and identity.

Keywords: Contos Negreiros. Marcelino Freire. Brazilian nation. Brazilian identity.

Resumen: Este artículo, considerando las discusiones de los conceptos de nación, identidad y cultura, analiza los cuentos *Canto IX: caderno de turismo* y *Canto XVI: Yamami*, del libro *Contos Negreiros* (2005), de Marcelino Freire. El análisis, además de considerar aspectos literarios, discute la idea de turismo y, luego, los conceptos de nación y de identidad. Utiliza como fundamentación teórica textos de Renan (1882), Bhabha (1998), Hugo Achugar (2006) y Hutcheon (1991). La temática del turismo es abordada de modo distinto em los cuentos y presenta sujetos de realidades distintas, reveladoras de visiones plurales de la nación y de la identidad brasileñas.

Palabras clave: Contos Negreiros. Marcelino Freire. Nación brasileña. Identidad brasileña.



Introdução

A partir, principalmente, do século XX, muitas mudanças ocorreram na sociedade em detrimento, sobretudo, das transformações no setor econômico provocadas pelas diferentes fases do capitalismo. A violência, a busca pelo poder e o conseqüente crescimento da desigualdade social são apenas alguns exemplos dos problemas que passaram a se fazer mais presentes nos últimos tempos. Por conseguinte, as visões sobre a sociedade e sobre a ideia de nação e de identidade também sofreram modificações, juntamente com a construção do discurso a respeito desses temas. Dicotomias tais como homogeneidade *versus* heterogeneidade, global *versus* local e maioria *versus* minoria passaram a ser apropriadas por diversas pessoas a fim de construir uma visão democrática da nação.

Dessa forma, este artigo objetiva analisar como os contos *Canto IX: caderno de turismo* e *Canto XVI: Yamami*, do escritor pernambucano Marcelino Freire, publicados no livro *Contos Negreiros* (2005), trabalham com a construção de um discurso da nação – em ambos os contos da nação brasileira – e da identidade a partir da temática do turismo. A partir de uma análise literária levando em consideração aspectos como narrador, personagens, tempo e espaço, o objetivo deste artigo é perceber como o autor articula o discurso sobre a nação e a identidade brasileiras nos dois contos em questão e o quanto essa articulação possibilita uma nova visão sobre o Brasil enquanto espaço social, econômico e culturalmente heterogêneo.

Para um embasamento maior da discussão, textos de teóricos como Ernest Renan (1882), HomiBhabha (1998), Hugo Achugar (2006) e Linda Hutcheon (1991) foram utilizados, visto que eles discutem sobre os conceitos de nação e identidade e propõem ideias que vão ao encontro das análises aqui propostas. Além disso, Hugo Achugar (2006), por exemplo, defende a ideia de que

[a] cidadania – ou seja, o conjunto de cidadãos iguais e visíveis – reivindica seu direito à narrativa, reivindica seu direito de contar o conto, de contar a história. Uma história que não é a história de uns silenciando a história de outros, mas a história resultante de uma

negociação. É verdade, também, que há quem desconsidere a possibilidade dessa negociação e postule a coexistência de muitas histórias, de tantas histórias como sujeitos sociais existam em uma determinada comunidade (ACHUGAR, 2006, p. 158).

Assim, busca-se apontar como os contos de Marcelino Freire e o seu tipo de escrita reivindicam o direito de contar histórias a partir de grupos sociais silenciados na sociedade, especialmente na brasileira. Como forma de resistência e de diálogo sobre a nação brasileira, Freire propõe um novo olhar sobre a realidade social por meio de indivíduos que enxergam o Brasil de dentro e de fora, ou seja, brasileiros e turistas. Para uma compreensão maior desses apontamentos, este artigo está dividido em uma breve apresentação do autor e do livro *Contos Negreiros*, em uma discussão sobre os contos *Canto IX: caderno de turismo* e *Canto XVI: Yamami*, seguido de uma análise da relação desses contos com a construção de visões variadas da nação e da identidade brasileiras. No encerramento do artigo constam ainda algumas considerações finais que sintetizam as discussões aqui propostas.

Marcelino Freire e *Contos Negreiros*

Marcelino Freire é um dos principais autores brasileiros dos últimos tempos. Nascido em 1967 no interior de Pernambuco e vivendo atualmente em São Paulo, Freire tem publicado inúmeros livros e, dentre eles, encontra-se *Contos Negreiros*, publicado em 2005 e vencedor do Prêmio Jabuti de Literatura Brasileira em 2006. A obra é dividida em dezesseis contos, denominados pelo autor de “cantos”, que ocupam as pouco mais de cem páginas do livro. Com a apresentação de Xico Sá, o leitor já tem uma prévia do que o aguarda e pode começar a se preparar para os constantes socos no estômago:

O cabra mal começa, acabou-se. De tanto punch, de tão amargo, de tão doce – prosa-rapadura, contraditória?! A gente lê voando, priu, num sopro. É porrada, mas sem ser chato. O cara tem a manha, a música que não deixa esvaziar a pista. Prosódia corrida que vem lá dos cafundós, lá de nós [...]. É doce, mas num é mole não. Esse é o mantra. Do Freire

com “i” de Burundi e de Haiti, dos pretos de longe e dos pretos daqui de perto, das pretas, de todas as negas entregues aos tarados acidentais, das índias, das boyzinhas de Cuba e do Pina, da dor mestiça, banzo de todas as freguesias (FREIRE, 2014, p. 11 e 13).

De uma maneira muitas vezes lírica, carregada de rimas e de oralidade, Marcelino Freire apresenta múltiplas histórias de sujeitos silenciados historicamente pela sociedade brasileira. A partir de contos pequenos e rápidos de serem lidos, o autor provoca a náusea no leitor ao desnudar algumas realidades brasileiras que o brasileiro muitas vezes finge não enxergar e/ou não tem conhecimento. É o negro, a mulher e a índia, por exemplo, que apresentam as suas visões da realidade brasileira por meio de um narrador que elabora um tipo de diálogo imaginário e isso, conseqüentemente, “[...] cria uma persona narrativa que responde, com braveza, dor e ironia, a uma peleja imaginária, cujo emissor seria o mundo inclemente em que vivem os desvalidos” (BALDAN, 2011, p. 72). Juntamente a isso, os dezesseis contos oferecem ao leitor uma possibilidade de reflexão sobre as vozes marginais – ou seja, vozes muitas vezes colocadas à margem da sociedade – presentes nos textos e seus discursos, sobre a relação entre ficção e realidade e sobre a construção de uma nova visão sobre a nação e a identidade brasileiras.

Para Valenciano (2007),

[o] Brasil dos *Contos Negreiros*, de Marcelino Freire, é um país onde o preconceito social e racial são tão evidentes quanto a mistura de povos e sotaques. Como bem definiu Xico Sá na apresentação do livro, essa “prosa-rapadura”, doce e áspera, revela, pela perspectiva do marginalizado, uma dor e uma indignação de quem é julgado pelos olhos preconceituosos da classe média, da elite branca brasileira e dos estrangeiros. Trata-se da visão da “casa grande”, como revela a epígrafe dos *Contos*, uma paródia da “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso: “Brasil, do meu amor / Terra de nosso sinhô”. Impossível, portanto, não concluir que a colonização ainda não acabou” (VALENCIANO, 2007, p.1, grifo da autora).

A fim de realizar uma discussão mais específica sobre a forma de escrita e sobre o discurso construído por Marcelino Freire em *Contos Negreiros*, a seguir será apresentada uma análise mais profunda de dois contos presentes na obra: *Canto IX: caderno de turismo* e *Canto XVI: Yamami*. Esses contos foram

escolhidos, pois trabalham com uma visão do Brasil a partir da ideia do turismo, sendo que no primeiro a visão apresentada é de uma brasileira e, no segundo, de um turista, mostrando uma diversidade de vozes e de opiniões acerca do Brasil.

Canto IX: caderno de turismo e a impossibilidade do exterior

Canto IX: caderno de turismo é um dos textos que quebram um pouco a linha e a voz narrativa dos demais contos presentes em *Contos Negreiros*. Nesse conto, não é a violência ou a marginalidade que são discutidas, mas sim a visão sobre outros lugares de um narrador-personagem, o qual, pela análise da narrativa, aponta ser uma mulher, que trava um diálogo com um personagem chamado Zé. Esse diálogo é praticamente um monólogo, visto que só a voz da mulher é apresentada. Com constantes perguntas retóricas, a personagem expõe o que pensa sobre os lugares fora e dentro do Brasil e algumas opiniões já aparecem no primeiro parágrafo: “Zé, essa é boa. O que danado a gente vai fazer em Lisboa? Bariloche e Shangri-lá? Traslados para lá. Para cá. Travessia de barco pelos Lagos Andinos? Nunca tinha ouvido falar em ViñadelMar. Valparaíso. A gente não devia sair do lugar” (FREIRE, 2014, p. 67).

Com constantes questionamentos e respostas, a personagem deixa claro que o Zé não enxerga o que está a sua frente, ou seja, não percebe a dificuldade, ou melhor, a impossibilidade de pisar em outros lugares que não os que ambos estão habituados a pisar: “Zé, olhe bem defronte: que horizonte você vê, que horizonte? Pensa que é fácil colocar nossos pés em Orlando? Los Angeles? Valle Nevado? Que língua você vai falar em Cairo? Em Leningrado? Nem sei se existe mais Leningrado” (FREIRE, 2014, p. 67-68). A narrativa é, como um todo, uma tentativa da personagem em fazer com que Zé desista da ideia de sair de onde eles estão e, por mais que o final do conto sugira uma ideia simplista – “Cachorro a gente enterra em qualquer canto. Enterra aí no quintal, Zé. E pronto” (FREIRE, 2014, p. 69) –, o texto, em sua totalidade, provoca uma reflexão sobre como as

peças podem enxergar o Brasil e o exterior e em como esse exterior é distante para uma boa parte da população brasileira, em consequência, sobretudo, da desigualdade social.

O “caderno de turismo”, que aparece no título do conto, pode ser analisado como um catálogo que se coloca à mostra, mas que ao mesmo tempo não é assim tão acessível. É possível uma análise de diversos lugares, porém conhecer esses lugares é uma realidade distante. Aqui é possível pensar que, associado ao fator econômico, a construção do imaginário em relação aos espaços, mais especificamente aos países, se coloca como algo fechado, em que ultrapassar as fronteiras é algo difícil e, até mesmo, impossível, seja pela distância, seja pela condição financeira. Além disso, a elaboração do discurso sobre esses espaços é condicionada o tempo todo pelo lugar de fala e não apenas por aspectos geográficos, mas também pelos aspectos cultural e simbólico construídos por uma sociedade, conforme coloca o crítico uruguaio Hugo Achugar (2006):

Pode-se falar *sobre* seu lugar *a partir de* outro lugar. O geográfico está atravessado pelo cultural e, também, pelo simbólico. Mas, o lugar simbólico é, também, afetado pelo geográfico e pelo cultural. De certa forma, escolhe-se e constrói-se o lugar a partir de onde se fala, mas se é escolhido ou colocado em um determinado lugar (ACHUGAR, 2006, p. 199, grifo do autor).

No conto em questão, a personagem enxerga o Brasil e os demais lugares que ela cita no texto a partir do seu lugar de fala, que expõe uma situação econômica e cultural específica, ou seja, mostra que seu *status* financeiro não permite conhecer outros lugares e que, conseqüentemente, ela não tem um conhecimento cultural diferente do ambiente ao qual está habituada. Por conta, principalmente, do empecilho financeiro, ela deixa explícito várias vezes que o melhor é permanecer onde está, isso porque é a única alternativa possível. Ademais, ela classifica a Europa como “Maravilha” e comenta sobre a situação da fome na África de maneira irônica, de acordo com a seguinte passagem: “Nada de Andaluzia. Taiti. A gente fica é aqui. Que Sevilha? Roteiro Europa Maravilha. Safári na África pra quê? Passar mais fome? Leste Europeu, Escandinávia, PQP”

(FREIRE, 2014, p. 68). Isso demonstra o imaginário que algumas pessoas têm em relação à Europa e à África que, nos últimos tempos, é condicionado pelas informações vinculadas pela mídia. Além do mais, revela que estão relacionadas a aspectos históricos e econômicos que fizeram da Europa uma representação do primeiro mundo e da África um continente assolado pela fome.

Com uma linguagem recheada de ritmo e rimas, como no exemplo “[a] gente não tem cartão. Deixa de imaginação. Você não tem medo de avião? Tanta asa que cai pelo chão” (FREIRE, 2014, p. 68), Freire apresenta uma visão do Brasil por uma cidadã brasileira, condicionada e acomodada, de certa forma, com a sua realidade social, pois não vislumbra alternativas em desbravar outros lugares. Por conta disso, ela acaba vendo no Brasil a única possibilidade de turismo e isso faz com que haja, de alguma maneira, uma valorização do espaço considerado nacional. Essa visão “positiva” do país não encontra ecos no conto *Canto XVI: Yamami*, a ser analisado a seguir.

A visão nua e crua do turismo sexual em *Canto XVI: Yamami*

Marcelino Freire tem uma escrita forte, que não poupa os palavrões e a dureza para expressar a realidade do que está sendo narrado e isso é perceptível também na abertura do conto *Canto XVI: Yamami*:

E os índios?
O que têm os índios?
O que você achou dos índios do Brasil?
Fodam-se os índios do Brasil. Toquem fogo na floresta. Vão à merda.
Que turista é você? E a febre amarela?
Só lembro de Yamami.
Yamami (FREIRE, 2014, p. 105).

Nesse conto também há um diálogo, assim como no texto discutido anteriormente, mas, ao contrário do anterior, aqui existem duas vozes, referentes a duas pessoas que dialogam sobre o Brasil: uma foi conhecer o país e a outra busca entender como ele é pelos olhos do outro. Entretanto, no texto não há uma

valorização das belezas naturais do país e da diversidade cultural, o que interessa ao personagem é apenas uma índia, Yamami: “Índiazinha típica de uns 13 anos. As unhas pintadas, descalçadas. Tintas extintas na cara. Coisinha de árvore. A pele vermelha e ardente. Virei um canibal, de repente. Não é tão deliciosa a carne de tamanduá-bandeira” (FREIRE, 2014, p. 106). O autor deixa claro, por meio de uma linguagem nua e crua, que o único turismo em questão no texto é o turismo sexual, ou seja, é simplesmente o uso do corpo da “índiazinha” para satisfação do prazer.

No decorrer de todo o conto um dos personagens pergunta constantemente acerca de certos aspectos da geografia e da cultura do Brasil: “E os índios?” (FREIRE, 2014, p. 105); “Há peixes gigantes?” (FREIRE, 2014, p. 105); “E a madeira?” (FREIRE, 2014, p. 107). Entretanto, o único interesse do outro personagem é por Yamami, que vive em Manaus, local onde o personagem abarca depois de passar por cidades como Cuiabá e Parintins. O personagem deixa claro que no seu país natal – não revelado na narrativa –, gostar de crianças é proibido e, assim, no Brasil ele se sente livre para fazer o que quiser com Yamami, visto que o governo parece não se importar: “Lá posso colocar Yamami no colo e ninguém me enche o saco. E ninguém fica me policiando. Governo me recriminando” (FREIRE, 2014, p. 108). Isso demonstra, de alguma maneira, a forma como uma sociedade pode ser afetada pelas visões “de fora” e as consequências que isso pode causar, revestindo a cultura nacional de hábitos em que o desrespeito às índias e às mulheres em geral é tolerado. Desde o descobrimento do Brasil, as ideias advindas de fora serviram para silenciar as vozes dos índios que já estavam por aqui, causando consequências perceptíveis até hoje.

Como nos demais textos presentes em *Contos Negreiros*, Marcelino Freire em *Canto XVI: Yamami* escancara uma realidade cruel que o leitor busca ignorar e, mesmo não colocando Yamami como a porta-voz da narrativa, ele dá voz à realidade desumana do turismo sexual. Por meio de personagens do exterior, Freire busca debater sobre o Brasil e os pensamentos do estrangeiro relativos à nação brasileira e aos sujeitos pertencentes a ela e refletir sobre o posicionamento

desses sujeitos no espaço de discussão, que, para Bhabha (1998), “[...] é marcado *internamente* pelos discursos de minorias, pelas histórias heterogêneas de povos em disputa, por autoridades antagônicas e por locais tensos de diferença cultural” (BHABHA, 1998, p. 209-210, grifo do autor).

Nessa constante disputa, cada sujeito tem uma opinião baseada em seu local de fala e, ao ser perguntado se não tinha gostado do Brasil, a resposta do personagem criado por Marcelino Freire vai demonstrar que a sua posição é a de quem não vive a realidade brasileira e a de quem enxerga Yamami como não fazendo parte da identidade brasileira:

Você não gostou do Brasil?
Yamami veio me deixar os escadós do barco. Ela e algumas amiguinhas. Yamami, Cauã, Jacira, Luanda. Coisa bonita o choro de Yamami. O vento acenando as suas penas. De pavão, na despedida. Penas de arara. O mercado cheirando a merda. A bacia do rio indo embora e me levando.
Não gostei do Brasil, caralho.
Yamami não tem nada a ver com o Brasil. O Brasil é São Paulo, uma cidade longe, parecida com esse continente de gelo, Yamami.
O meu corpo vazio (FREIRE, 2014, p. 109).

Para quem é brasileiro, São Paulo é realmente o Brasil? É somente esse estado que congrega toda a diversidade geográfica, populacional e cultural do país? É a partir de afirmações como essa que Marcelino Freire incita no leitor um discurso reflexivo sobre a nação e a identidade brasileiras a partir não só da existência de múltiplas vozes no território nacional, mas também em como esse discurso é influenciado e moldado pela visão do exterior. E, mais do que isso, em como as práticas de manutenção da cultura e da identidade podem ser influenciadas por fenômenos globais, tais como o capitalismo, a migração e a troca de informações pela internet, por exemplo.

Canto IX: caderno de turismo e Canto XVI: Yamami como possibilidade de escrita da nação e da identidade brasileiras

Nos últimos tempos a literatura passou a ocupar um lugar de destaque no que se refere à compreensão da realidade, isso porque a narrativa e “[...] o processo de narrativização veio a ser considerado como uma forma essencial de compreensão humana, de imposição do sentido e de coerência formal ao caos dos acontecimentos [...]” (HUTCHEON, 1991, p. 160). Por meio do discurso literário articulado a outras esferas do saber, como a história e a sociologia, por exemplo, a ficção passou a ser percebida como uma das representações possíveis da sociedade e uma das ferramentas de compreensão do mundo. Para isso, um dos principais elementos necessários para o entendimento da narrativa e da reflexão como um todo é o domínio da língua. É a língua um dos elementos que compõem uma nação e que aproxima os indivíduos por intermédio de uma das principais atividades humanas: a comunicação.

Em março de 1882, em uma conferência realizada em Sorbonne, Ernest Renan, escritor francês, definiu os elementos que compõem uma nação. Segundo o escritor, a nação não engloba apenas a língua, mas também envolve questões como religião, interesses, geografia e, sobretudo, “[...] ter glórias comuns no passado, uma vontade comum no presente; ter feito grandes coisas conjuntamente, querer fazer ainda, eis as condições essenciais para ser um povo” (RENAN, 1882, p. 18). Aliado a isso está a ideia de que “[...] a essência de uma nação é que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido coisas” (RENAN, 1882, p. 6). Levando isso em consideração, é interessante pensar em como a literatura, a partir de suas narrativas, auxilia na composição e manutenção de visões e reflexões acerca da nação e da identidade e, juntamente com isso, em uma compreensão maior do mundo por meio da linguagem.

A literatura, e mais precisamente a narrativa, é pensada aqui na sua relação com a construção do discurso sobre e da nação. As narrativas atribuem certo sentido à sociedade e auxiliam na reflexão sobre os diversos problemas presentes nela. De acordo com o teórico HomiBhabha (1998),

[o]s fragmentos, retalhos e restos da vida cotidiana devem ser repetidamente transformados nos signos de uma cultura nacional

coerente, enquanto o próprio ato da performance narrativa interpela um círculo crescente de sujeitos nacionais. Na produção da nação como narração ocorre uma cisão entre a temporalidade continuísta, cumulativa, do pedagógico e a estratégia repetitiva, recorrente, do performativo. É através deste processo de cisão que a ambivalência conceitual da sociedade moderna se torna o lugar de *escrever a nação*” (BHABHA, 1998, p. 207, grifo do autor).

Pensando na atividade de “escrever a nação” articulada com a localização da cultura, é necessário considerar os sujeitos desse processo, a temporalidade e o espaço em que eles estão inseridos, visto que o(s) discurso(s) sobre e de uma nação sempre variam de acordo com tais aspectos. Um dos exemplos disso se refere aos dois contos de Marcelino Freire aqui analisados, *Canto IX: caderno de turismo* e *Canto XVI: Yamami*, que trabalham com a temática do turismo, mas que proporcionam reflexões e visões distintas sobre e do Brasil. No primeiro conto há uma proximidade dos personagens com o Brasil, visto que eles moram e estão sujeitos às situações econômicas, políticas, sociais e culturais desse local. Já no segundo conto, os personagens são estrangeiros e têm uma visão distante do Brasil por não fazerem parte desse ambiente. Dessa forma, seus discursos não terão os referentes suficientes para construir uma representação do país como um brasileiro.

Hugo Achugar (2006) afirma que “[...] a nação é o nome que damos ao lugar, ou campo de batalha, onde diferentes nacionalismos (ou seja, projetos de nação) combatem para alcançar a hegemonia” (ACHUGAR, 2006, p. 204, grifo do autor). Levando isso em consideração, é possível pensar em como os discursos construídos nos dois contos disputam, no espaço da narrativa, a construção de uma noção do Brasil. Em *Canto IX: caderno de turismo*, a voz narrativa, a partir de comentários como “Sem dinheiro, chegar aonde?” (FREIRE, 2014, p. 67), “Não nascemos no Berço da Civilização [...]” (FREIRE, 2014, p. 68) e “A gente não tem dólar” (FREIRE, 2014, p. 68), por exemplo, aponta para a falta de recursos financeiros e em como isso distancia os personagens da busca por novos horizontes. Eles estão presos a sua vida cotidiana por conta da situação econômica e isso aponta para uma grande parcela da população brasileira que se vê impossibilitada de não só conhecer o mundo e o próprio Brasil, mas também de experimentar as outras culturas. O caderno de turismo só existe enquanto

catálogo, não como uma possibilidade de conhecer outros lugares, pois até mesmo o Brasil lhes é desconhecido, como aponta a personagem (FREIRE, 2014).

Em *Canto XVI: Yamami*, há um outro discurso sobre o Brasil, que disputa a hegemonia, pois, por meio do uso de uma linguagem crua, Marcelino Freire escancara o problema do turismo sexual e o quanto ele está presente no país, mesmo que muitos finjam ou acreditem que não. Tendo em mente o que Ernest Renan (1882) discorre sobre a necessidade dos indivíduos em ter coisas em comum e em esquecer coisas como pré-requisito para a existência da nação, é permitido pensar que esse conto vai em uma direção oposta, pois ele não permite o esquecimento de um dos problemas da sociedade brasileira, ou seja, ele desestabiliza a visão que o leitor tem em relação ao Brasil ao fazer ele conhecer e/ou lembrar da maneira como não só o estrangeiro, mas também o brasileiro, lidaram e lidam com os indígenas desde o descobrimento. “Virei amante de Yamami, ao ar livre. Dei dinheiro para Yamami, jóias (sic), espelhos, colares. Fiz Yamami vestir calcinhas coloridas. Minha menina” (FREIRE, 2014, p. 108): a imposição da cultura é um desses problemas.

Os personagens dos dois contos se distanciam consideravelmente no que tange à construção de um discurso sobre o Brasil. No primeiro, a personagem feminina deixa implícito que o personagem Zé precisa desistir das viagens, porque, além de não ter dinheiro, eles precisam primeiro conhecer o Brasil e, ainda, como forma de provocar essa desistência ela elenca alguns problemas: “Atentado, bomba em Bengasi, doença em Botsuana. Zé, estou sendo franca: olha bem para nossa cara. Por que partir para a Dinamarca? Caracas? Cancún, Congo?” (FREIRE, 2014, p. 69). Isso vai ao encontro do que Achugar (2006) defende relativamente à proteção contra as ameaças de fora e em como o conceito de nação emerge nesse momento como sinônimo de uma tentativa de defesa:

Se fronteira, nação, migração, controle foram/são motivos centrais na problemática que a arte contemporânea considera, esses motivos rearticulam-se com o da praga e com o da ameaça exterior. Os doentes nos invadem, e nós, os sãos, devemos nos proteger. Os vírus atravessam nossas fronteiras, e nós, os responsáveis por manter a saúde de nossos bens, móveis e imóveis, devemos salvaguardar a riqueza e a saúde da nação. Se antes tratava-se da circulação internacional e da incontrolável suposta leveza das idéias estrangeiras, agora a responsabilidade é da

globalização dos fluxos financeiros, midiáticos e demográficos, assim como da incontrolável leveza migratória dos vírus informáticos, alimentícios e humanos (ACHUGAR, 2006, p. 213).

Enquanto que no primeiro conto a possibilidade de relação entre o local e o global é impossível em função dos problemas econômicos, no conto *Canto XVI: Yamami* as fronteiras entre o Brasil e o mundo parecem fluídas, pois o estrangeiro é capaz de adentrar o país facilmente por meio, por exemplo, do rio: “Passei por uma cidade chamada Cuiabá, depois Corumbá. Parintins, Parintintins, sei lá. Viajei no barco Barão do Amazonas” (FREIRE, 2014, p. 105). Dessa maneira, a imagem que o leitor constrói da fronteira nesse conto é mais aberta e fluída do que a referente ao conto anterior. Se no primeiro há uma reflexão sobre a fronteira como a parte da nação capaz de manter o país a salvo das ameaças exteriores, no outro a fronteira passa a ser vista como uma abertura para o tráfego de pessoas, ideologias e culturas.

Refletindo sobre o local de enunciação, ou seja, sobre de onde se fala e de como se fala, percebe-se disparidades nas duas narrativas, pois em *Canto IX: caderno de turismo* quem fala é uma mulher brasileira, que está condicionada à realidade brasileira e aos parâmetros de opinião da mesma. Além disso, a linguagem construída por Marcelino Freire nesse conto não é impiedosa como no segundo conto aqui analisado. Em contrapartida, em *Canto XVI: Yamami*, a voz é de um estrangeiro branco que deixa claro sua origem e sua opinião acerca do feminino: “Pisquei para Yamami e saímos. Fiz sinal de fumaça, acendi um cigarro. Yamami, venha comigo. Sou um branco pálido e telepático. Estou de férias, caralho, longe do meu país, infeliz. Yamami, minha meretriz, o meu turismo” (FREIRE, 2014, p. 107).

Com vozes e visões diferenciadas nos dois contos é possível perceber que mesmo compartilhando um espaço igual – mesmo que por pouco tempo no segundo conto –, ou seja, o Brasil, esse espaço não é equivalente para os dois em função de diferenças econômicas, políticas, sociais e culturais existentes entre o Brasil e o exterior. Destarte, é necessário refletir que a

[...] ‘existência de um espaço onde os seres humanos se reconheçam como iguais é o pré-requisito para a aparição de um mundo comum, de um mundo que não é um, mas que é o mesmo, pois está aberto a múltiplas perspectivas’. E, sobretudo, que existe uma ‘conexão aproximada’ entre igualdade e visibilidade no espaço, ou cenário público, onde os indivíduos se reconhecem como iguais [...]. Precisamente, o debate sobre o discurso nacional contemporâneo em nossos países inclui em sua agenda tanto a ‘cidadania’ (ser iguais e visíveis) dos diferentes sujeitos sociais (integrantes não tanto da esfera pública ou privada como do conjunto social) como seu direito à narrativa [...] (ACHUGAR, 2006, p. 158, grifo do autor).

Porém, por mais que os personagens nos dois contos não sejam iguais por motivos como nacionalidade, por exemplo, eles ganham voz na narrativa criada por Marcelino Freire e isso possibilita narrativas diversificadas sobre a nação brasileira. O autor busca não só nos contos analisados neste artigo, mas em todas as narrativas presentes em *Contos Negreiros*, dar voz aos grupos que frequentemente não têm a possibilidade de escrever a nação de acordo com as suas visões sobre ela. Esses grupos são considerados pela acadêmica Linda Hutcheon (1991) como o “ex-cêntrico, o *off*-centro: inevitavelmente identificado com o centro ao qual aspira[m], mas que lhe[s] é negado” (HUTCHEON, 1991, p. 88, grifo nosso). Juntamente a isso, “[...] outra forma apresentada por esse mesmo movimento *off*-centro encontra-se na contestação à centralização da cultura por meio da valorização do local e do periférico” (HUTCHEON, 1991, p. 89).

Como uma forma de descentralização, Marcelino Freire, nos contos *Canto IX: caderno de turismo* e *Canto XVI: Yamami*, por meio de uma personagem feminina no primeiro conto e de um personagem masculino no segundo conto, que por mais que seja branco e heterossexual não pertencendo ao grupo denominado por Hutcheon (1991) de “ex-cêntrico”, promove uma reflexão sobre duas possibilidades de leitura da realidade brasileira: uma levando em conta o turismo enquanto impossibilidade por conta do fator econômico, ou seja, da classe social; e o outro por meio de um olhar “de fora” sobre o tratamento do estrangeiro com os índios – mais especificamente com as índias – na sua relação com o turismo sexual. Ao trazer essas diferentes vozes para a discussão sobre o Brasil, Freire dá lugar à diferença, à multiplicidade. Segundo Hutcheon (1991),

[...] os negros e as feministas, os etnicistas e os *gays*, as culturas nativa e do “Terceiro Mundo” não formam movimentos monolíticos, mas constituem uma diversidade de reações a uma situação de marginalidade e ex-centricidade percebida por todos. E tem havido efeitos liberadores como efeito do deslocamento da linguagem da alienação (não-identidade) para a linguagem da descentralização (diferença), porque o centro utilizado para funcionar como pivô entre opostos binários sempre privilegiava um dos lados: branco/negro, homem/mulher, eu/outro, intelecto/corpo, Ocidente/Oriente, objetividade/subjectividade – hoje essa lista é famosa. Porém, se o centro é considerado como uma elaboração, uma ficção, e não como uma realidade fixa e imutável, o “velho ou-ou começa a desmoronar”, como diz Susan Griffin (1981; 1982, 291), e o novo “e-também” da multiplicidade e da diferença abre novas possibilidades (HUTCHEON, 1991, p. 90, grifos da autora).

Assim, percebe-se que ao dar voz à margem, Marcelino Freire pretende construir uma narrativa plural do e sobre o Brasil, onde as identidades dos sujeitos são também plurais, assim como os discursos produzidos por eles. Dessa forma, os contos de Freire podem ser associados a um discurso de resistência, pois vão contra a ideia de favorecer o centro e, assim, contribuem para a construção de uma narrativa democrática da nação, ou das nações, se levarmos em conta a pluralidade das identidades envolvidas nesse processo. Para Achugar (2006),

[a] heterogeneidade foi e é, de algum modo, uma reivindicação e uma característica do discurso da resistência, diante de um projeto homogeneizante, e está relacionado à heterogeneidade, à fragmentação do mercado, à fragmentação cultural, à fragmentação da sociedade, entre outras. O discurso ou a teorização da resistência diante de um universo globalizado contempla, ao mesmo tempo e paradoxalmente, uma homogeneização pós-nacional e um desenvolvimento de identidades mais profundas em seu acentuado localismo. O modo de resistir a essa globalização, ou a essa homogeneização – que não são a mesma coisa, mas têm pontos de contato –, consistiu, precisamente, em afirmar a heterogeneidade, a diversidade, a multiplicidade (ACHUGAR, 2006, p. 155).

Marcelino Freire em *Canto IX: caderno de turismo* e *Canto XVI: Yamami* busca, assim, problematizar sobre o turismo a partir do ponto de vista de indivíduos distantes no que tange ao lugar de fala. A heterogeneidade pode não estar muito presente nesses contos, como no restante das narrativas de *Contos Negreiros*, mas mesmo assim o leitor consegue refletir sobre as diferentes visões do Brasil a partir da mulher no primeiro conto e do estrangeiro no segundo.

Ademais, o leitor consegue problematizar sobre a pergunta presente em um dos contos e que faz parte do título deste artigo: “Que turista é você?”¹. A partir disso muitas outras perguntas podem surgir, como por exemplo: que país é esse?; de que brasileiro(a) estamos falando?; e o olhar de fora possibilita uma representação adequada do Brasil?. As respostas para essas perguntas são variadas e estão em constante mudança, assim como a identidade dos sujeitos que pensam e escrevem a nação.

Considerações finais

Numa sociedade em que a heterogeneidade se faz cada dia mais presente, discussões sobre a constituição da nação e da identidade são cada vez mais recorrentes. Pensando nisso, é importante ressaltar a importância das narrativas, sejam elas produto da literatura ou da sociedade e em como os sujeitos que constroem essas narrativas e os seus lugares de fala colaboram para uma visão e, conseqüentemente, para um discurso acerca do mundo.

Pensando nisso, é possível refletir sobre como as narrativas coloquiais e recheadas de uma oralidade híbrida de Marcelino Freire em *Contos Negreiros* e, mais especificamente, nos contos *Canto IX: caderno de turismo* e *Canto XVI: Yamami*, incitam determinadas reflexões sobre a nação e a identidade brasileiras. Partindo da pergunta “Quais as vozes que narram a nação?”, tem-se dois discursos sobre o Brasil: um a partir de uma personagem feminina que coloca o Brasil como o seu lugar e do personagem Zé, pois é a única alternativa para a condição financeira de ambos; outro a partir de um personagem masculino e estrangeiro que não enxerga o Brasil, apenas a “indiazinha” Yamami e o seu desejo sexual por ela. Dessa forma, por mais que os dois contos trabalhem com a temática do turismo, eles se distanciam na maneira como o turismo é delineado,

¹ Citação presente no livro *Contos Negreiros*, de Marcelino Freire (FREIRE, 2014, p. 104).

visto que no segundo conto ele se refere sobretudo ao turismo sexual enquanto um dos problemas da realidade brasileira.

Mais do que uma possibilidade fechada de leitura e análise desses contos, a proposta deste artigo foi proporcionar uma discussão – sempre em aberto e sujeita a modificações – sobre a construção de certas visões da nação e da identidade brasileiras proporcionadas pelas duas narrativas de Marcelino Freire aqui analisadas. Por meio das discussões elaboradas ao longo deste artigo, foi possível perceber, então, a existência de diversos discursos acerca do Brasil, principalmente pelo fato de existir sujeitos heterogêneos que, nas suas relações com seus lugares de fala, favorecem narrativas múltiplas sobre a nação.

Referências

- ACHUGAR, H. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução: Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- BALDAN, M. L. de. A escrita dramática da marginalidade em Marcelino Freire. *Revista Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2 – Especial, p. 71-80, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/10-A-escrita.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2019.
- BHABHA, H. K. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 198-238.
- FREIRE, M. *Contos negreiros*. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- RENAN, E. O que é uma nação? Conferência realizada na Sorbonne, em 11 de março de 1882. *Revista Aulas*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~aulas/VOLUME01/ernest.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

VALENCIANO, F. M. O olhar ao revés de Marcelino Freire. *Revista Crioula*, São Paulo, n. 2, p. 1-5, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/53593/57561>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

*Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Pelotas. Graduada em Letras Português/Alemão pela mesma universidade. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**Doutor em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor da Universidade Federal de Pelotas.